

P.I. KOATINEMO ASURINI, Ano I, Verão, Época das Neblinas.

M.D. Sr. Cel. PEDRO DA SILVA RONDON:

Lamentamos, que vossas últimas palavras nos tenham chegado tarde; os mortos nada escutam, para eles a retaguarda já não existe.

Em nome desta comunidade, principalmente dos seus mortos, agradecemos as gentilezas de vossas palavras e, à presteza com que nos foi prestado apoio, se não em recursos materiais mas em palavras de estímulos, que em muito nos conforta sem no entanto ressuscitar os mortos.

Hoje lamentamos a perda de 12 (doze) vidas humanas, amanhã, serão dezenas, caso a retaguarda permaneça letárgica; quando despertar já não haverá necessidade, pois não existirá razão de existir, já que não haverá Índios.

Como explicar^{los} os que vivem, tal abstração? Seria ironizar sua desdita, desrespeitar os seus mortos, mas assim mesmo arriscaremos em explicá-los.

A sua passividade, seu conformismo diante o funesto, aumenta em nossa consciência o sentimento de culpabilidade. Será que realmente fomos nós os responsáveis? Decerto! Não deveremos escolher os padres para queimá-los como bruxas; tivemos condições de extirpar os males, se assim não procedemos porque nos faltaram meios, os medicamentos foram insuficientes em quantidade e ineficazes em qualidade.

Dói-me chegar à esta conclusão, contudo pergunto - nos, quem realmente foi o culpado? Triste recordação que sempre suscitará um drama em nossa consciência. Esforçamo-nos para evitar o holocausto, apelamos, mas nossas vozes se perderam ^{RADA} na imensidão da floresta; não puderam compreender à-queles para quem exortamos nossos apelos de que vidas humanas dependessem de-les; talvez nem se lembrassem - absorvidos pelas novas obras da Base - que nes-tes rincões homens também viviam e, esperavam - além de misericórdia Daquela que foi Crucificado por nós - pela sua consciência, por um ato de humanidade, diante à calamidade - podendo assim evitar a morte de seus irmãos.

Misericórdia, Senhor DEUS!... se de Vós nada esperarmos o que esperar dos homens? Perdoe-nos por ter acreditado neles! Mas, se fizestes dele a Tua imagem!?

Esta seria uma indagação dos justos, caso fossem cristianizados.

Ontem, o seu cotidiano era uma multiplicidade de acontecimentos comuns, por vezes, alegres; o labor agrícola, a efetuação dos seus ritos, suas festas recreativas e outras atividades, além da rotina doméstica. Os ecos dos machados paralizaram-se, já não ouvimos os cânticos dos guerreiros e, os sons de suas flautas emudeceram-se como que, reprimida pelo sentimento da dor.

Povo ativo, vigoroso, em parte, feliz; o hoje e o amanhã se confundiam. De súbito, tudo desaparece. Inicia-se a convivência pacífica com os brancos, nascem as ilusões; brota-se em seu espírito a esperança secular de coexistir com os "Karáí" - malgrado o passado -, absorver um pouco de conhecimento daquela tecnologia sofisticada. De sorte que, jamais poderiam "imaginar" que suas esperanças transformar-se-iam em holocausto, talvez, o início do fim.

Seus risos, cederam lugar às lágrimas, que hoje inundam o solo do seu território, outrora, inviolável.

Eis o epílogo, desta situação de contato; povo condenado pelo fatalismo ao desaparecimento. Quem não estava preparado para o contato, nós ou eles?

Poderemos crer que fatos como estes ainda ocorreram!? Como se justificar tal incúria? Com o realismo do processo genético de seleção natural? Tal raciocínio seria por em ridículo o grande avanço da ciência; quando o homem começa a desvendar os mistérios dos cosmos, plena era dos transplantes, da criança proveta, do domínio dos átomos - quando a ciência atinge o cerne, o seu limiar.

Indagamos então, por que ainda o homem não conseguiu vencer às barreiras dos contrastes? Por que persiste ainda tal absurdo!?... consideramos à máxima do paradoxismo, como que os contrastes procurassem ridicularizar o avanço da ciência, ao permitir que nesta mesma era seres humanos pere-

gam por falta de recursos médicos. O que deliberaria a opinião pública se fosse julgar tais fatos? Seríamos condenados?

Decerto! Somos os responsáveis por cada vida humana ceifada, desde que assumimos a responsabilidade da missão. Mas não temo esse julgamento, basta àquele que no momento nos condena: às vozes de nossa consciência.

Se meu coração dilacerado permite esta condenação, aceito-a sem nenhum temor; temo-a, porém, não por mim, mais por aqueles que pela cegueira de sua consciência, pela insensatez de seu espírito não tenham condições de julgar a si mesmo e, repelem a verdade por que ela ofende os seus sentimentos, se é que ele existe.

Existem duas formas de assassinio de Índios: "uma matando-os; outra, deixando-os morrer".

Dirás com certeza que falo como revoltado. Não! Expresso-me como eles se expressariam caso tivessem consciência para julgar os fatos, coordenar-lhes, pondô-os em seu lugar, chegariam então à mesma conclusão; talvez sua passividade se transformasse em revolta, revolta ativa, com ação, justificando os seus mortos; então, se isto ocorresse, lágrimas afluiriam, discursos, homenagens póstumas, talvez, estátuas fossem erigidas em memória dos mártires, daqueles que morreram no cumprimento do dever, impondo aos bárbaros à sua premacia branca - "morrer se preciso for, matar nunca" -, como houve o contrário, simplesmente, lamentamos.

Analisemos a seguir, às razões deste pensamento, revoltado, se assim querem.

Chegamos ainda em tempo de contornar a situação, controlar a epidemia tornando-a menos virulenta, evitando a alta taxa de mortalidade.

Ao pressentirmos que o surto agravaria-se, providenciamos sem demora o deslocamento do servidor Ricarte à Altamira em busca de Socorro. Em nossa missiva, fomos aliás até exagerado em termos da situação. Solicitávamos os meios para agirmos, debelar o surto gripal antes que atingisse proporções graves. Fomos bem explícitos na solicitação dos medicamentos, inclusive meticoloso, tanto na quantidade como na qualidade. Enfim, chega o socorro esperado.

Perdoar-lhes oh DEUS!... o peso de consciência era tão grande, que nem às notas de aviamento nos envieram.

10% apenas do solicitado, medicação de inferior qualidade como inadequada em tal situação: EUCALYPTINE L'E BRUM, bálsamo paliativo, de largo emprego no início do século; TRANSPULMIN, 50 ampôlas - posologia: 2 ampôlas adulto, de 6 em 6 horas; quanto à primeira a mesma quantidade. Juntando-se ambas, mal daria para uma aplicação em cada Índio; multiplicar-se os pães, reduziu-se a dosagem: TETRA-LYSAL, uma ampôla para dois, assim pôde-se efetuar 3 aplicações, afóra 50 DESION-CÁLCIO, a única que nos serviu.

Expectorantes, somente 5 (cinco) vidros de AMBENYL: duas colheres para cada Índio e nada mais restava, a não ser esperar o milagre! ou o motor, que aguardamos durante 29 dias. Novo pedido havia sido efetuado: expectorantes, cobertores, anzóis, linha para pesca e outros. Enfim, dia 2 de agosto: cantamos HOSANA ao festejar sua chegada. Mais uma decepção, menos de 50% do solicitado; acreditei que me prodigalizavam, equiparando-me ao Mestre dos Mestres: será que ele multiplicará os pães; transformará a água em vinho, como nas bodas de Canaã. Deveras, e minha infelicidade foi a de ter solicitado medicamentos, caso fosse fogão a gás, butijões... ah! todos se mobilizariam, se necessário o freteria-se aviões.

Eis o resultado, hoje choramos à perda de 12 vidas, amanhã, somente DEUS saberá quantas.

Mas, um sentimento de compaixão por vezes nascem nesses corações: miçangas - fora parte dos pedidos - foram enviadas, ao menos os corpos seriam paramentados, enfeitados como Pierrots e, enxadas que facilitaríamos nos à tarefa do sepultamento. Triste ironia do destino, transformaram-me involuntariamente em coveiro de Índios.

O percurso Pieçava - Altamira - Pieçava, com todos os obstáculos pode ser perfazido em menos de 10 dias; contudo, novo record, visto à emergência: 29 dias.

Talvez, se tardassem mais um pouco, se não houvesse tanta presteze em chegar, lágrimas jorrariam; haveria motivos para os prantos, um servidor tombava no cumprimento do dever, vítima de malária, quiçá, de fome.

Em suma, estes acontecimentos são fatos passados, pertencem ao ontem, falemos do amanhã.

Ao chegarmos encontramos esse povo em pleno labor, cotidianamente punham em execução suas tarefas em derrubadas; grandes roças poriam, se a fatalidade não os tivesse atingido. O inóbito surpreendeu-os, seus trabalhos não estavam ainda concluídos; dois meses perdidos, ou mesmo três. Debilitados, sem perspectivas, dependem à sua sobrevivência da mendicância, da farinha que lhes poderá ser fornecida pela FUNAI, que consideramos como às esmolas dos fariseus. Há coisa mais humilhante para um povo tão nobre?

Antes, realmente, suas roças eram pequenas; justificava-se pela falta de recursos tecnológicos, mas tinham na mata os recursos naturais que subsidiava sua dieta alimentar. A vida semi-nômade proporcionava-lhes meios em obter alimentos da natureza: côco babagu, castanha, inajá, palmito, etc. - suas excursões periódicas em atividades de coleta aliviava os encargos da agricultura. Hoje, submetendo-se a um novo tipo de vida, sedentária, cuja dependência será exclusivamente da lavoura, sofrerão crises de alimentação, caso a quota de fornecimento de farinha seja suspensa.

Amanhã, inexoravelmente serão forçados, ou melhor, coagidos pelas circunstâncias a desenvolverem atividades suplementares, à coleta principalmente, que será intensificada na afã de produzirem excedentes que escambarão por bens industrializados; visto à dependência que submeter-se-ão à sociedade envolvente, pois novas necessidades de consumo foram criadas.

Será que vale a pena descrever o seu estado atual? Em uma única palavra: é deplorável. Mais uma vez o absurdo apresenta-se ante nós: o Éden transforma-se em inferno. Cenas dantescas, noites de tormentas, angústia, a tosse quase não permitia o repouso noturno; dores abdominais, disenterias, gritos lancinantes; mas, o que me atormentava ainda mais era à sua passividade, seu conformismo. Hoje, esqueléticos, moribundos, ou mesmo àqueles que jazem sob a terra ainda acreditam em nós. Seremos dignos desses sentimentos?

"Quando se mata um homem, és um assassino, mas se praticas o genocídio, és um estadista, és um gênio".

Como testemunha desses trágicos acontecimentos, temos os companheiros Barbiratto e Lisboa, sem olvidarmos da história e de DEUS.

Lembrando-me deles, é bom manter contato com eles para que evitem comentários em público sobre tão tristes acontecimentos, que inevitavelmente repercutirão desfavoravelmente à FUNAI, como a futura Delegacia. Quanto a mim, nada temais de uma ação à "Fouchê", conheces bem o meu caráter.

Lembrá-vois, o mundo nos observa, a imprensa internacional está ávida para nos "caluniar", se assim falo, não é por temor do julgamento deles, se algum julgamento me preocupa não é esse, é o outro, porque tenho convicção de que não serei poupado, pois todos são filhos de DEUS.

Deixemos de lado o trágico, vamos ao pitoresco.

Será que o Tocantins está obstruído? Que existe uma muralha no espaço, entre Belém e Tucuruí?... será a única explicação plausível para o impedimento da vinda do intérprete "Asurini". Neste aspecto de mobilização de recursos e outros meios, parece-nos que os padres foram mais felizes.

Como fui sonhador quando concordei em participar da operação FUNAI-TRANSAMAZÔNICA: DELIMITAÇÃO DAS ÁREAS cobertura aérea, tribais, medidas preventivas de saúde (que exemplo o velho Fontes), nova metodologia de trabalho... agora é tarde, já que estou no fogo irei até o final, sou pretencioso, quero ver a quantos graus chega o calor do inferno. Mas, algumas palavras expressas em sua penúltima missiva me trouxeram um pouco de ânimo, é bom que recordemos dela: "não simplesmente remediando-as, mas extirpando-os definitivamente, o que significa dizer à alta responsabilidade que assumimos não só para as nossas próprias consciências pelo que temos de dar a essa comunidade em termos de segurança e total absorção de seus problemas, como cumprimento da elevada missão que a FUNAI nos confiou e cumprimos custe o que custar".

Sim, total absorção dos seus problemas.! Se nada mais podemos fazer pelos mortos, há os sobreviventes, cujo espectro da morte ainda paira sobre eles: debilitados, desidratados, desnutridos... aglomerado de mortos-vivos; como esperança, existe essas palavras, como realidade, os fatos - o mesmo destino dos seus, se não cumprirmos à risca essas promessas: "total absorção dos seus problemas".

Em sua última correspondência solicitaste-me o elaborar um programa de desenvolvimento comunitário e de revitalização de Posto. No atual momento nossa única preocupação é com o estado de saúde do grupo, de que valerá edificarmos construções faraônicas para serem contempladas por defuntos - não haverá impacto, de nada valerá essa demonstração de superioridade.

Preliminarmente, preocupemo-nos com o seu bem estar social, depois então, delinaremos como deverá se processar essa integração, ape

sar dos famigerados resultados, que a história tristemente registra através dos séculos.

Que o D.S.P.I., ASTEC... tenham paciência, entraves burocráticos na liberação de recursos mormente ocasionam calamidades como esta. Sem o Índio, como terão eles mão-de-obra para a produção? Há uma diáde - apesar de interesses assimétricos - FUNAI-ÍNDIOS; sem eles essa não existiria, portanto devem se empenhar o máximo para salvá-los, se necessário orando diariamente, principalmente antes das "refeições" para que eles sobrevivam por muito tempo.

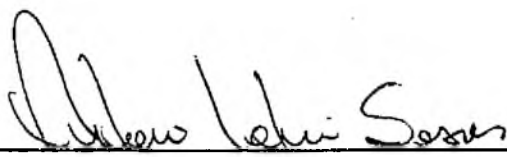
Se aqui permaneço não é simplesmente pelo espírito estóico, de abnegação, de consciência do dever; se existe algo de consciência, é a consciência que irmana todos os homens: o sentimento de solidariedade humana, já que com os meios que disponho nada poderei fazer e não ser, servir de administrador de um cemitério indígena. Talvez tenha perdido a modéstia em falar em solidariedade, no íntimo, é uma auto-condenação: partilhar dos seus suplícios, acompanhá-los no martirilógio, aliviando-lhes com minha presença o peso da cruz.

Falando em cruz, aqui existe uma posta pelo padre Anton Lucesk, ela não poderia ficar ausente nesses acontecimentos - é um compromisso histórico.

Pedro da Silva Rondon, não me dirijo à vós somente como Chefe da Base, mas ao homem, ao cidadão, cujos sentimentos de pai é de perdão e não de julgamento; apelamos para os vossos sentimentos em nome desta comunidade indígena para que fatos como estes jamais se repitam. Lembrá-vos que nosso melhor juiz somos nós mesmos.

Lamentamos também Cel. Rondon não poder acompanhar o "fluxo"; pois o único fluxo que acompanharemos em todas as circunstâncias, é o fluxo da verdade, os meus sentimentos sempre abominaram a ignomínia.

Cordiais Saudações,



ANTONIO COTRIM SOARES.